

Desfecho incerto para a crise

WLADIMIR GRAMACHO

BRASÍLIA - O presidente do Banco Central (BC), Gustavo Franco, disse ontem que é impossível saber quando a crise financeira mundial estará encerrada e até mesmo se o país, por mais ajustes que possa vir a fazer, terá condições de sair ileso das quebras internacionais. "É preciso caracterizar a natureza do desafio, de se lidar com uma situação externa que vem se agravando e cujo desfecho é incerto. Ou pelo menos o *timing* desse desfecho é incerto", disse Gustavo Franco, em entrevista coletiva a uma dezena de correspondentes internacionais.

O presidente do BC acredita que o déficit nominal do setor público (que inclui os juros) vai cair de 4,7% para 2,3% nos próximos meses, à medida em que o pacote fiscal começar a fazer efeito. Com ele também cairia pela metade o déficit em transações corrente, que atualmente está em 4,32% do PIB. "Isso é bom para o país, mas talvez pode não ser suficiente para evitar que o Brasil seja duramente atingido", admitiu.

Gustavo Franco frisou que as medidas adotadas pelo governo têm um duro impacto na economia, negou seu caráter recessivo e voltou a assegurar que uma desvalorização cambial "está totalmente fora de cogitação".

Os comentários de que o governo estaria negociando um programa de ajuda do Fundo Monetário Nacional (FMI) irritaram o presidente do Banco Central. "Não cogitamos o acordo, nem acho que estejamos com qualquer déficit de credibilidade", respondeu.

A saúde financeiro do sistema

bancário brasileiro foi aprovada por Franco, que apontou os investidores dos fundos de ações como os principais perdedores no processo de queda das bolsas. As perdas dos bancos de investimentos, segundo ele, "em raríssimos casos foram além dos lu-

cros acumulados neste ano".

Já para o país, ficou mesmo mais caro a rolagem da dívida externa. Mas não mais difícil, apostou Franco. Nessa ávida busca por dólares, a privatização de quatro bancos promete ajudar a equilibrar o déficit nas

contas externas: Meridional (em 4 de dezembro), Bemge (até março de 1998), Banespa (até junho de 1998) e o Banco do Estado de Rondônia, Beron (no ano que vem).

A seguir, os principais trechos da entrevista:

cepção do Brasil relativamente a outras economias, mas tem pouco efeito sobre a atmosfera global. O mercado internacional está preocupado com a Ásia. O que o Brasil pode fazer para tranquilizar esses mercados é mostrar que não vai ser uma fonte de problemas. O Brasil cuida de sua própria casa, anda com sua casa em ordem e os problemas da Ásia vão seguir seu curso.

PREDADORES

Proliferam teorias um tanto exóticas sobre as maneiras como os mercados financeiros funcionam. Como se houvesse de fato hordas de predadores procurando destruir países. Acho que não é bem assim. Existe bem mais racionalidade na atuação dos mercados. Não acredito que exista esse grau de maldade inerente a especuladores que saem por aí atacando moedas.

AJUSTE FISCAL

Trata-se de um ajuste superior a 2% do PIB, no resultado primário. Por consequência macroeconômica, tende a produzir a mesma redução do déficit em conta corrente. Numa primeira avaliação, as medidas meio que reduzem à metade os dois déficits (público e externo). O déficit nominal cai a pouco menos da metade, de 4,7% do PIB para 2,3%.

EXPERTISE

Não existe *expertise* fora do Brasil (para analisar com profundidade o ajuste fiscal) para dizer que a medida número 27 tem uma estimativa exagerada, não funciona ou é ineficaz. Acho que as avaliações locais, de especialistas locais, vão ser muito importantes para que se confirme a sensação de que os números são sólidos.

BANCOS

Essa turbulência encontrou um sistema bancário bastante sólido (no

Brasil). O segmento mais atingido foi o de fundos, portanto de implicações muito menores do ponto-de-vista financeiro. Os fundos transmitem suas perdas diretamente para os seus investidores e não geram problemas bancários. E os bancos de investimentos que tiveram perdas em raríssimos casos foram além dos lucros acumulados neste ano.

CONGRESSO

Se o Congresso tem outras idéias (para o ajuste fiscal) que melhor atendem do ponto-de-vista da equidade, o governo está pronto a estudar. Temos dúvidas técnicas de que a gente possa substituir em particular o Imposto de Renda por outras coisas, mas estamos abertos ao diálogo.

RECURSOS

Nas condições atuais, as rolagens (de dívidas) são mais caras, mas podem ser feitas. Não creio que esse tipo de rolagem seja difícil. As condições atuais não são boas, embora os preços dos nossos *bradys* estejam extremamente baixos e convidativos.

PRIVATIZAÇÕES

No curto prazo, vejo quatro privatizações de bancos. O Meridional, no dia 4 de dezembro. Estimo que o Bemge, de Minas Gerais, seja oferecido à venda ainda no primeiro trimestre do ano (que vem), e no primeiro semestre com certeza o Banespa e o Beron.

INCERTEZA

É preciso caracterizar a natureza do desafio de se lidar com uma situação externa que vem se agravando e cujo desfecho é incerto. Ou pelo menos o *timing* desse desfecho é incerto. Nesse sentido, a política econômica não deve incorrer em dois erros: subestimar a crise e demorar a agir; ou exagerar a crise e exigir sacrifícios em excesso do país.

ESFORÇO

Existe total desprendimento, total compromisso em manter as linhas básicas do Plano Real. As demonstrações de desprendimento são suficientes, cremos nós, não para lidar com a situação, mas para mostrar que se tomamos essas iniciativas tão contundentes podemos tomar outras, sem dúvida. O tempo dirá.

PACOTE

Este conjunto de medidas difere fundamentalmente de outras porque ele não contém declarações de intenções, contém decisão já com seus impactos quantificados. Se tivéssemos tido mais tempo, já teríamos aprovado a reforma administrativa e esse conjunto de medidas talvez não tivesse o aumento de impostos, e houvesse tido mais cortes de despesas, onde achamos que isso deve ocorrer.

ORDEM

A receptividade ao conjunto de medidas eu vi como muito boa. Agora, isso evidentemente melhora a per-

FMI

Não cogitamos o acordo com o Fundo e nem acho que estejamos com qualquer déficit de credibilidade, especialmente à luz das medidas que temos tomado. E também não posso imaginar o que nos recomendariam fazer de diferente do que estamos fazendo.

ORLOFF

Em 1982, a incapacidade do Brasil de responder a uma situação externa adversa nos provocou uma década de estagnação e inflação alta. Naquela ocasião, na Ásia, houve uma pequena pausa e o crescimento seguiu. Talvez agora possamos assistir a uma situação inversa. A América Latina experimenta uma pequena pausa, que espero, seja tão pequena quanto possível e sigamos crescendo.

DESVALORIZAÇÃO

Só existe no plano da retórica política deste país. Seria um equívoco e representaria a renúncia à resolução dos nossos problemas. Portanto, está totalmente fora de cogitação.

